

# AS RELAÇÕES DE PERMANÊNCIAS E COEXISTÊNCIAS ENTRE O TRADICIONAL E O NOVO: ENSAIO EXPLORATÓRIO SOBRE A FEIRA DO ALECRIM EM NATAL-RN

Relations of continuities and coexistences between traditional and new: exploratory essay about the street fair of Alecrim in Natal-RN

Relaciones de continuidades y coexistencias entre lo tradicional y lo nuevo: ensayo de investigación sobre la feria del Alecrim en Natal-RN

Elizabeth Rodrigues Gurgel<sup>i</sup>  
Cleanto Carlos Lima da Silva<sup>ii</sup>  
Alessandro Dozena<sup>iii</sup>

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

## Resumo

Este artigo busca compreender algumas alterações espaciais ocorridas na Feira do Alecrim, a primeira feira livre do município de Natal-RN. Essas alterações resultam da interferência de atores hegemônicos que, nos últimos anos, têm tomado medidas efetivas na tentativa de normatizá-la. Entretanto, estas tentativas não conseguiram excluir o caráter espontâneo presente no funcionamento da mesma, superpondo-se a esta espontaneidade, um caráter normatizador. Algumas atitudes subversivas, intencionais ou não, partem dos feirantes que, constantemente, reinventam suas práticas sociais, levando a que alguns elementos tradicionais ganhem novos significados e funcionalidades. Desse modo, procuramos identificar as relações existentes entre o tradicional e o novo na Feira do Alecrim, além das relações identitárias que aí se manifestam. Para tal fim, a pesquisa de campo proporcionou uma maior aproximação com o nosso objeto de estudo e com os diferentes atores sociais que o constituem.

**Palavras-chave:** feira; normatização; território; permanência e coexistência.

## Abstract

This article seeks to understand some changes that have occurred in the Free Fair of Alecrim, the first one street fair of Natal-RN. These changes have resulted from the interference of hegemonic actors in recent years, that have taken effective measures in the attempt of standardize it. However, these attempts have failed to exclude the spontaneous characters presents in their operation, overlapping to this spontaneity, a normative character. Some subversive attitudes, intentional or not, begin of the fairground that constantly reinvent their social practices, which means that some traditional elements to receive new meanings and functions. In this way, we seek to identify the relationship between the traditional and new in the Street Fair of Alecrim, beyond some identity relations that are manifested in this place. So, the field survey provided a closer relationship with the object of our study and the different social actors that constitute it.

**Keywords:** fair; standardization; territory; stay and coexistence.

## Resumen

Este artículo intenta comprender algunos cambios que han ocurrido en la Feria del Alecrin, la primera feria de calle en la ciudad de Natal-RN. Estos cambios se deben a la interferencia de los actores hegemónicos en los últimos años, que han tomado acciones efectivas en el intento de estandarizarla. Sin embargo, estos intentos no han conseguido borrar el carácter espontáneo presente en el funcionamiento de la misma, pero hay una superposición entre la espontaneidad y la normalización. Algunas actitudes subversivas, intencionales o no, parten de los vendedores que constantemente reinventan sus prácticas sociales, lo que significa que algunos elementos tradicionales ganan nuevos significados y funciones. Por lo tanto, tratamos de identificar la relación entre lo tradicional y el nuevo en la Feria del Alecrin, y también, las relaciones de identidad que se manifiestan en la feria. Con este fin, la investigación de campo ayudó a una aproximación con nuestro objeto de estudio y con los diferentes actores sociales que lo constituyen.

**Palabras clave:** feria; normalización; territorio; estancia y coexistencia.

## INTRODUÇÃO

A Feira do Alecrim é uma das mais antigas feiras livres do estado do Rio Grande do Norte. Fundada em 18 de julho de 1920, cada vez mais sofre alterações em sua dinâmica, muitas delas em decorrência das sucessivas tentativas de normatização

conduzidas pela Prefeitura de Natal, por intermédio da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos – SEMSUR. Apesar deste fato, evidenciado pela redução no número de feirantes, a Feira do Alecrim continua recebendo centenas de consumidores e frequentadores nos sábados; no horário das

6h00min às 15h00min.

O presente artigo objetiva identificar, na forma de um ensaio exploratório, alguns aspectos relevantes manifestos no uso territorial da Feira do Alecrim - RN, bem como algumas relações estabelecidas entre os feirantes, os consumidores, os fiscais e os frequentadores da mesma. Tais relações podem evidenciar a permanência ou a coexistência entre alguns elementos tradicionais e outros característicos da modernidade, sobretudo no que se refere às práticas sociais e aos padrões espaciais presentes na Feira do Alecrim.

O artigo busca ainda, verificar a interferência das normatizações impostas sobre o funcionamento da feira, além da conformação de identidades territoriais pelos feirantes, consumidores e frequentadores; procurando compreender a atual funcionalidade e dinâmica da feira enquanto um espaço de manifestação de múltiplas sociabilidades. Na tentativa de entendimento das diferenciações técnicas que nela ocorreu nos últimos anos, foi concebida uma breve cronologia. Para o alcance dos objetivos aqui propostos, foram realizadas entrevistas, pesquisas bibliográficas e idas a campo. Acompanhando esses procedimentos, tornamo-nos observadores participantes e pudemos vivenciar a “geografia pulsante” da Feira do Alecrim.

O uso da técnica da observação participante possibilitou a imersão no cotidiano da Feira do Alecrim, partilhando de seus eventos e normas de sociabilidade; compreendendo os princípios que elucidam os procedimentos e os processos culturais a ela relacionados. A grandiosidade desta experiência vivida em campo foi muito além

do contato com os feirantes, consumidores e frequentadores da feira. A pesquisa de campo ganhou amplitude pelo fato de ter afetado perceptivelmente nossa subjetividade enquanto pesquisadores em uma cidade que passamos a conhecer melhor.

## **SURGIMENTO E AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE NORMATIZAÇÃO**

Não há um consenso quanto ao local e o contexto de origem das primeiras feiras livres, embora existam registros de feiras realizadas em Roma e na Grécia antiga. A sedentarização humana, decorrente principalmente da domesticação de animais e do domínio das técnicas agrícolas, aliada a especialização do trabalho, contribuiu significativamente para a geração de excedentes alimentares, os quais se constituíram no principal motivo para o surgimento e a organização das feiras livres. Nelas, o alimento não consumido era vendido ou trocado por outros produtos. Assim, as primeiras referências que se tem sobre as feiras livres as apresentam inseridas em um âmbito comercial, fator responsável pela formação de cidades nos locais onde estas aconteciam.

Na Europa, as feiras livres se consolidaram durante a fase de transição do Feudalismo para o Capitalismo Comercial, momento em que a comercialização passou a ser efetivada pelo dinheiro e não mais pela troca de produtos. Tal comercialização, principalmente de produtos exóticos e raros (a exemplo da pimenta, seda e temperos), era exercida pelos europeus com alguns países do Oriente, o que muito incentivou o crescimento das feiras em toda a Europa; além da maior circulação de dinheiro e consolidação econômica dos países europeus.

No Brasil, desde o Período Colonial, há

registros da comercialização de produtos em feiras livres. Inicialmente, as feiras brasileiras seguiam o modelo das feiras européias, tendo uma organização influenciada pelas feiras portuguesas, cuja periodicidade era tanto semestral quanto anual (LIMA E SAMPAIO, 2009). Nesse período, as bancas eram utilizadas pela população mais abastada, enquanto os feirantes de menor poder aquisitivo expunham seus produtos no chão. É interessante notar que daí, muito provavelmente, tenha se originado a expressão “botando banca”; ainda hoje muito utilizada na referência a alguém que acredita ser mais importante que outrem e, por isso, age com “ares de superioridade”.

Com o passar dos anos, as feiras livres foram se multiplicando pelo Brasil, passando a se constituir em uma importante expressão territorial da comercialização varejista no país. Nas feiras livres, tornam-se evidentes alguns aspectos das relações campo-cidade, bem como a sua relevância enquanto elemento impulsionador da origem de cidades: a exemplo de Jequié e Feira de Santana no estado da Bahia (DOLZANI E MASCARENHAS, 2008). Como consequência do acelerado crescimento populacional brasileiro sucedido a partir do século XX, ocorreu uma gradativa proliferação das feiras livres pelo país, favorecida pela maior procura por gêneros alimentícios.

É nesse contexto que, em 18 de julho de 1920, surgiu a primeira Feira Livre de Natal, na Rua Presidente Quaresma - Bairro do Alecrim. A Feira do Alecrim, como ficou conhecida, surgiu espontaneamente pela iniciativa e organização de dois comerciantes que já atuavam no bairro: João Estevam de Andrade e Balbino José dos Passos. Com o sucesso das

vendas, ambos sentiram a necessidade de um local fixo em que suas práticas comerciais se desenvolvessem; o que resultou na fundação da feira livre.

Ao analisarmos as relações de permanências e coexistências das técnicas manifestas na Feira do Alecrim, buscamos entendê-las enquanto a territorialização de uma prática comercial resultado de uma série de acontecimentos históricos. Para isso, apresentamos uma breve Cronologia (TABELA 1), a fim de tornar visível algumas alterações nas relações de normatização constituídas a partir de 1920.

Desde o ano de seu surgimento até o final da década de 1960, a feira foi adquirindo importância em virtude, principalmente, do crescente número de feirantes e da diversidade de produtos comercializados. Igualmente, foi se tornando a mais importante feira livre de Natal, afirmando-se como um importante local de práticas comerciais no Bairro do Alecrim; o que pode ser comprovado pela sua expressividade no âmbito das atividades comerciais locais (SEBRAE-RN, 2009).

Na primeira fase, observamos a existência de costumes característicos das feiras antigas, a exemplo da exposição de produtos no chão e da utilização da unidade de medida litro (em que cada 1 litro corresponde a uma lata de óleo de 900 mililitros, preenchida com determinado produto). Quanto ao equipamento de medição, os feirantes utilizavam, nessa fase, a balança de dois pratos. Era ainda muito comum a “hora do grito”, momento em que os feirantes diminuem os preços dos produtos e os divulgam através do grito, que objetiva atrair os clientes e evitar com que os vendedores permaneçam com as “bóias” (produtos que sobram). Aqui vale

FASE	EVENTOS	EFEITOS
1920 - 1969	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Surgimento e crescimento espontâneo da Feira</li> <li>▪ Incentivos do Poder Público ao crescimento da feira e primeira tentativa de normatização</li> <li>▪ Predomínio da utilização de balanças de dois pratos, de produtos expostos no chão e de barracas individuais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Crescimento do número de feirantes, freqüentadores e consumidores</li> <li>▪ Ausência de uma organização efetivamente planejada</li> </ul>
1970 - 2004	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aprovação do I Plano Nacional de Desenvolvimento</li> <li>▪ Criação das Centrais de Abastecimento - CEASA</li> <li>▪ Instalação de grandes redes de supermercados em Natal: Minipreço, Nordeste, HiperBompreço e Carrefour</li> <li>▪ Incentivo às propagandas televisivas, no que se refere à divulgação de produtos vendidos pelos grandes supermercados</li> <li>▪ Intensificação na utilização de aparelhos eletrônicos pelos comerciantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ganha força o ideário acerca do caráter depreciativo das feiras livres</li> <li>▪ Aumento do consumo nos grandes supermercados</li> <li>▪ Perda da relevância econômica das feiras livres</li> <li>▪ Coexistência entre as balanças de dois pratos e as digitais</li> </ul>
2005 - 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Normatização na feira a partir do Decreto nº 7.671 de 20/07/2005</li> <li>▪ Promoção de projeto de higienização pela prefeitura e pela SEMSUR</li> <li>▪ Setorização e padronização com lonas em 2007</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Setorização, padronização e higienização da feira</li> <li>▪ Diminuição do tempo de duração da feira</li> <li>▪ Limitação do tamanho da feira e do número de barracas</li> <li>▪ Intensificação da fiscalização</li> <li>▪ Coexistência entre as balanças de dois pratos e as digitais, além do surgimento dos cortadores de carne elétricos</li> </ul>

**Tabela 1** - Cronologia da feira livre do Alecrim - Natal/RN. Organizada pelos autores, 2011.

ressaltar o interessante paralelo existente entre a utilização do termo “ficar boiando”, em que determinado indivíduo “sobra” por não perceber ou entender algo; e “boieiro”, que se trata do feirante que não consegue vender o seu estoque na totalidade.

Na década de 1930, o prefeito de Natal, Gentil Ferreira, passou a incentivar e a normatizar o funcionamento da feira, estipulando o sábado como o dia para o seu funcionamento e iniciando a cobrança de impostos para o uso do espaço público. Isso gerou grande agitação entre os feirantes, fato

relatado pelo cordelista Elinaldo Gomes de Medeiros: “Só depois de 1930, algo diferente aconteceu/ A prefeitura logo passou a cobrar o dinheiro seu /O imposto do chão, que a muitos entristeceu”.

Ainda nessa fase, percebemos a primeira tentativa de normatização na Feira do Alecrim, embora esta tenha sido executada de modo incipiente. Após esse momento, surgiram outras feiras livres na capital potiguar, acompanhando o processo de territorialização desta modalidade popular de comércio, que se consumou durante as muitas décadas de

urbanização acelerada; baseado no modelo colonial de feiras livres (MASCARENHAS, 2005). Assim, inicia-se na Feira do Alecrim um processo de reconfiguração em que algumas mudanças foram inexoráveis, embora ela ainda preserve alguns aspectos tradicionais. A Feira do Alecrim foi se desenvolvendo e, por conseguinte, tornando-se a principal atividade de comércio varejista em Natal, o que contribuiu para a falência de algumas lojas comerciais existentes no bairro. No final da década de 1960, a feira iniciou uma perda progressiva de seu poder de atração comercial, propiciada principalmente pelo surgimento das grandes redes de supermercados, vistas agora como as novas atividades comerciais modernas; em oposição à imagem do tradicionalismo inerente às feiras livres.

### AS INTERFERÊNCIAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS LOCAIS

A partir da década de 1970, marco inicial da segunda fase da cronologia aqui proposta, o Governo Federal passou a influenciar direta e indiretamente a dinâmica de funcionamento das feiras livres brasileiras; a partir do estímulo a políticas públicas com implicações locais. Em 1972, iniciou-se uma relevante política patrocinada pelo I Plano Nacional de Desenvolvimento, expandindo-se as redes de serviços pela cidade de Natal. As feiras livres passaram a ser tratadas pelo poder público como algo obsoleto, atrasado e arcaico. Sobre isso, ponderam Dolzani e Mascarenhas (2008), ao discorrer sobre as feiras livres cariocas:

Em 1970, o governo federal aprova o I Plano Nacional de Desenvolvimento, no qual explicita como um de seus objetivos a plena expansão das redes de auto-serviço nos grandes centros urbanos, em

detrimento das feiras livres, consideradas como forma anacrônica de varejo. A feira livre, outrora símbolo da modernidade, implantada pelo próprio poder público, é agora seu filho bastardo, restando-lhe as áreas degradadas e miseráveis da "Cidade Maravilhosa". A territorialidade das feiras livres fica cada vez mais definida pelas constantes e arbitrárias intervenções governamentais (DOLZANI e MASCARENHAS, 2008, p. 78).

Nesse momento, foi estimulada no imaginário popular a representação das feiras livres como sujas, barulhentas e mal cheirosas; enquanto as redes de supermercados foram representadas como modernas, confortáveis e higiênicas. Tal mensagem se tornou evidente nas propagandas televisivas que divulgavam essas redes de supermercados, apresentando-as, na maioria das vezes, contendo um cunho familiar, e sendo emissárias da ideia de segurança e de conforto. Assim sendo, dezenas de cidades brasileiras tiveram o funcionamento de suas feiras livres suspenso (MASCARENHAS, 1991).

Como resultado desse apoio governamental às redes de supermercados, aliado aos interesses da iniciativa privada, foram inaugurados na década de 1970 os dois primeiros supermercados de Natal: Mini Preço e Nordestão (este último estabelecido no bairro do Alecrim). Na década de 1980, foi inaugurado o Hiper Bompreço e na década seguinte, o Carrefour. A partir de então, o enfraquecimento comercial da Feira do Alecrim se tornou patente.

Destacadamente, grande parte dos consumidores mais jovens passou a preferir a comodidade dos supermercados ao desconforto das feiras livres. A utilização maciça dos cartões de crédito também



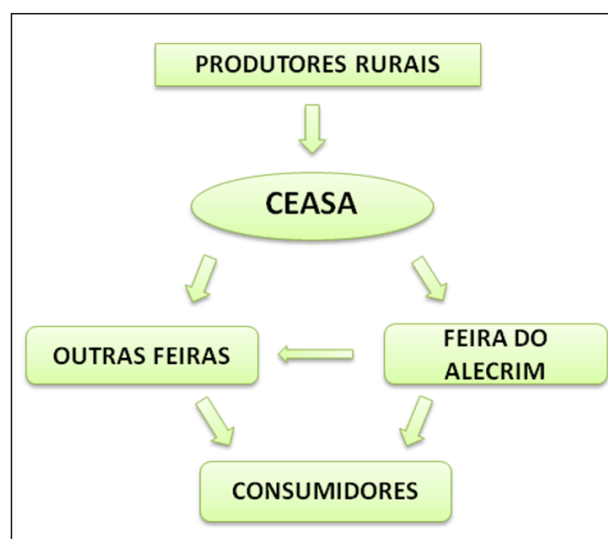
influenciou esse processo de desvalorização das feiras livres, levando em conta que a Feira do Alecrim não se inseriu nessa lógica de pagamentos. Isso pode ser percebido pelo depoimento do proprietário de um armazém na avenida onde está localizada a Feira do Alecrim: “Hoje em dia quem mais vem para a feira são os idosos, gente nova só quer usar cartão de crédito; e, como os idosos não sabem usar o cartão, eles vêm para a feira”.

Outro importante elemento a ser considerado foram as alterações ocorridas na relação campo-cidade, no tocante às feiras livres. No caso da Feira do Alecrim, percebe-se que ela contribuiu historicamente para o fortalecimento da relação campo-cidade; constituindo-se em um elemento aglutinador dessa relação. Desde o seu surgimento até a década de 1970, quando foi fundada a Central de Abastecimento do Rio Grande do Norte – CEASA, os pequenos produtores rurais costumavam comercializar seus produtos na feira, juntamente com seus familiares ou, vendê-los para feirantes que se propunham a comprá-los com a finalidade de revendê-los.

Após a criação da CEASA, essas relações campo-cidade, e produtores-feirantes, alteraram-se. A Central de Abastecimento passou a funcionar como um agente intermediário, ainda que o principal objetivo de sua criação tenha sido a eliminação desse agente (que compra os produtos do pequeno agricultor a preços baixos e os revende ao feirante a um preço mais elevado). Assim, não é mais o pequeno agricultor quem comercializa seus produtos nas feiras, mas um conjunto de pessoas cadastradas na SEMSUR, que adquirem o direito de comercializá-los. Vale mencionar que existe uma relação direta entre a Feira do Alecrim e as outras feiras de Natal, principalmente as que ocorrem no domingo, já

que os dias de funcionamento da CEASA são terça-feira, quinta-feira e sábado. Dessa maneira, os produtos que os feirantes não conseguem vender no sábado são levados para outras feiras no domingo. Sabendo disto, muitos consumidores saem de outros bairros de Natal, motivados pela procura de produtos mais frescos disponíveis na Feira do Alecrim.

Sobre essa dinâmica de relações entre as feiras natalenses, a CEASA e os produtores rurais, elaboramos o fluxograma abaixo:



**Figura 1** - Fluxograma das relações entre os produtores rurais, a CEASA e as feiras-livres natalenses.

Organizado pelos autores, 2011.

Nessa segunda fase cronológica, percebe-se que houve um considerável aumento na quantidade de barracas, além de ter havido uma significativa redução no número de feirantes que expunham seus produtos no chão. Houve também uma alteração nas técnicas utilizadas, uma vez que aumentou o número de balanças digitais; embora coexistindo com as balanças de dois pratos. Desse modo, constatamos que apesar das novas técnicas terem sido inseridas na dinâmica de funcionamento da feira, as técnicas antigas não deixaram de existir. Nesse ponto da argumentação concordamos com

Santos (1997), ao afirmar que o espaço é constituído por objetos técnicos que nos permitem “empirizar” o tempo; que pode ser compreendido nas sucessões ou na coexistência das técnicas.

### **AS INTERFERÊNCIAS DOS ATORES HEGEMÔNICOS NA FEIRA DO ALECRIM: TENTATIVAS DE NORMATIZAÇÃO**

Há claramente um caráter espontâneo que sempre acompanhou o surgimento das feiras livres, que por isso esteve comumente desprovido de uma regulamentação prévia. Ao passo que as pessoas realizavam suas trocas, as feiras surgiam e aos poucos se consolidavam. Paradoxalmente, uma das características marcantes na dinâmica atual da Feira do Alecrim é a tentativa da Prefeitura Municipal em normatizar e enquadrar os elementos espontâneos a ela intrínsecos; o que será analisado na sequência.

Uma das características da dinâmica atual da Feira do Alecrim é a tentativa dos atores hegemônicos em normatizar e “enquadrar” as práticas espontâneas realizadas pelos feirantes. Isso ganhou impulso na terceira fase de nossa cronologia, iniciada no ano de 2005, com a aprovação do decreto nº 7.671 de 20/07/2005. O decreto especificou as competências da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos de Natal - SEMSUR, no tocante à regulamentação e fiscalização das feiras livres do município. Sobre tais competências, o cap. II - art.2º é patente:

Compete à SEMSUR autorizar, fiscalizar, localizar, dimensionar, classificar, reclassificar, suspender o funcionamento, remanejar ou extinguir as feiras livres, total ou parcialmente, tendo em vista o atendimento ao interesse público e o

respeito às exigências legais pertinentes as competências da SEMSUR (DECRETO 7.671, 2005).

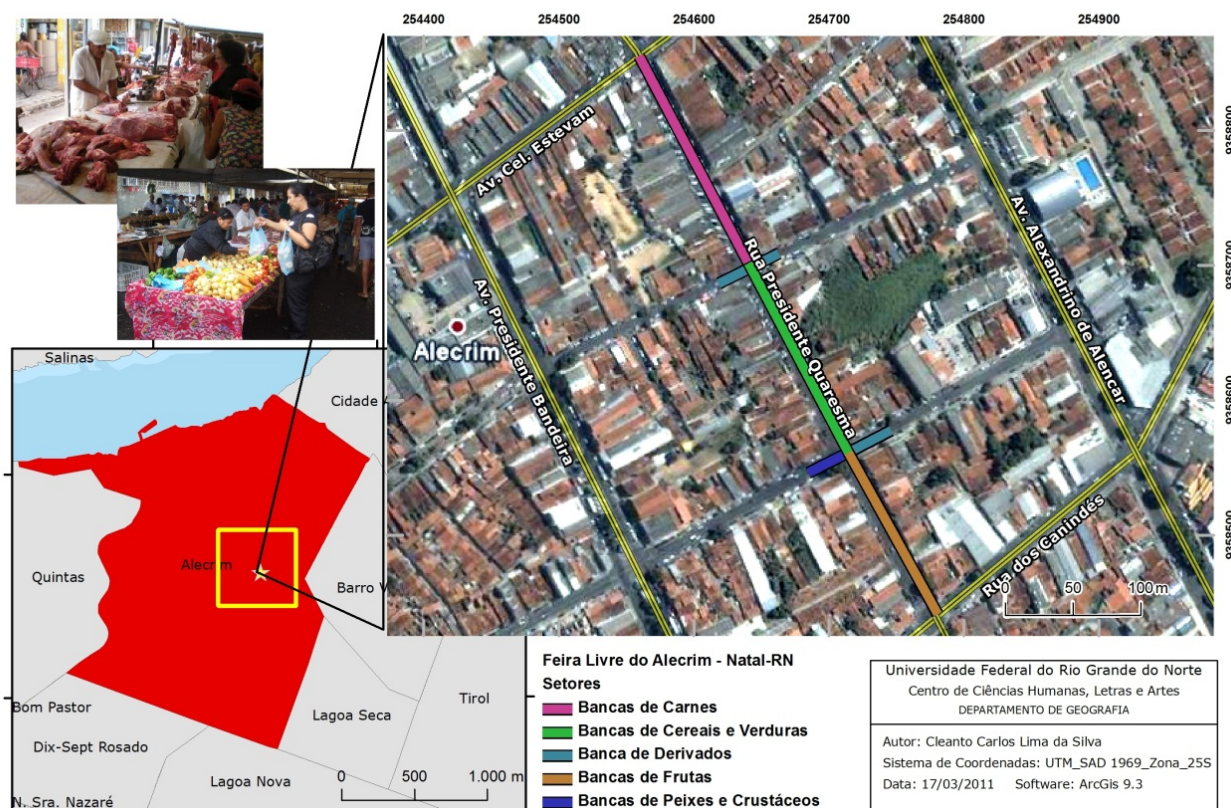
A aprovação desse decreto se constituiu na segunda medida adotada pela Prefeitura de Natal, com a finalidade de normatizar as feiras livres locais. Ela se concretizou a partir da execução de um projeto de urbanização, higienização e padronização das feiras. A partir daí, a Feira do Alecrim passou por um processo de “setorização”, seguindo o padrão organizacional das redes de supermercados. O depoimento do gerente de fiscalização da SEMSUR, Ailton Alves, deixa evidente essa ação:

A secretaria setoriza o tipo de comércio que é realizado na feira, até mesmo para a comodidade dos feirantes e de toda a clientela. A gente procura colocar todos os produtos setorizados dentro da feira: carnes, pescados, frutas, verduras; tudo em seus devidos lugares (Ailton, entrevista realizada em 05 de fevereiro de 2011).

O mapa 1 ilustra essa “setorização” que, apesar de ter sido imposta pela SEMSUR, ainda não é totalmente obedecida. Isso acontece por existirem feirantes que vendem seus produtos em barracas de setores opostos, evidenciando o fato de que nem todos eles estão satisfeitos com as medidas adotadas pela Prefeitura de Natal.

Nota-se a existência de uma tensão entre os interesses da prefeitura e os dos feirantes. Durante o trabalho de campo tivemos a oportunidade de constatar essa tensão que, em alguns casos, trata-se de uma animosidade que envolve os próprios feirantes: a exemplo da feirante que vendia verduras no setor das carnes e que, por isso, era constantemente interpelada. Quando questionada sobre o fato

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA DO ALECRIM, NATAL-RN



**Mapa 1** - Localização e organização espacial da Feira Livre do Alecrim, Natal - RN. Organizado por Cleanto Carlos Lima da Silva, 2011.

de que estava em um setor diferente do seu, ela assim nos respondeu:

Eu estou no setor das carnes porque um amigo me emprestou a barraca dele. Aqui a gente não escolhe o lugar, quem escolhe é a SEMSUR. Agora aqui é um problema, eu estou aqui no sol e na chuva porque ele (feirante da carne) colocou duas mesas e só era pra ter uma. Eu fiquei metade no sol e metade na chuva. Faz seis meses que estou aqui e não acho justo me tirarem. Um dia uma pessoa se apossou da minha barraca e o fiscal teve que arrumar outro lugar pra mim. Aqui, se você faltar três semanas seguidas perde a banca (Feirante, entrevista realizada em 29 de janeiro de 2011).

Além da “setorização”, a prefeitura vem promovendo iniciativas de higienização com a intensificação da coleta de resíduos sólidos e a

instalação de banheiros químicos, medida que agradou tanto os feirantes quanto os consumidores. A SEMSUR ainda se tornou responsável pela delimitação do espaço da feira, instalando placas com os logotipos do órgão, demarcando o início e o final da feira. Além de delimitar o espaço físico da feira, proibiu a ampliação do mesmo, já que nenhuma nova barraca pode ser instalada.

Cada vez mais vem havendo a redução do espaço da feira, inclusive com a possibilidade da mesma ser extinta se for do interesse público. Em conformidade com tal fato, houve nos últimos anos a redução na duração da feira, que até 2007 se iniciava às 17h00min da sexta-feira e finalizava às 19h:00min do sábado. A partir de maio do mesmo ano, as atividades passaram a ter início



às 6h:00min do sábado e a se encerrar às 15h00min do mesmo dia. É interessante notar a alegação da prefeitura de que essa modificação foi benéfica, já que resultou na antecipação dos serviços de desmontagem e de limpeza das ruas.

Todas essas tentativas de normatização não obtiveram os mesmos resultados entre os diversos atores envolvidos no funcionamento da Feira do Alecrim, pois muitos feirantes vêm subvertendo essa ordem que lhes foi imposta, através de práticas de resistência.

Uma simples caminhada pela feira nos permite observar alguns elementos tradicionais que insistem em permanecer, muitas vezes em oposição aos interesses dos atores hegemônicos. É intenção dos feirantes a permanência de práticas de sociabilidade, que podem ser constatadas, por exemplo, no ato de se cozinhar juntos, de beber uma “cervejinha” ou de compartilhar experiências e conflitos.

Ao final da tarde, aproximamo-nos de um feirante e perguntamos qual seria o horário em que feira se encerraria, ao que ele firmemente respondeu: “a feira acaba na hora em que a gente quer”. De fato, o horário de encerramento imposto pela SEMSUR não é obedecido, visto que a duração é até às 16h:00min; com a maioria das bancas apresentando produtos expostos e feirantes gritando com o intuito de atrair a sua freguesia.

Percebemos uma diferença comportamental entre os feirantes dos diversos setores. Os gritos chamando a freguesia, tão característicos das feiras livres brasileiras, somente são ouvidos no setor das frutas e verduras. No setor das carnes, não escutamos um grito sequer. Além disso, os feirantes deste setor costumam trabalhar uniformizados e dispor de ferramentas mais

modernas quando comparadas àquelas dos outros setores – como as balanças digitais e os cortadores elétricos. Em contrapartida, como exposto anteriormente, a unidade de medida mais utilizada no setor de frutas e verduras ainda é o litro, e o equipamento de medição mais comum é a balança de peso.

Assim, percebemos que no interior da Feira do Alecrim ocorre a conformação de microterritórios, estabelecidos não só por relações de poder, mas também, por sentimentos de identidade, intensificados pelas múltiplas sociabilidades dinamizadoras do espaço da feira.

Com relação às relações hierárquicas estabelecidas, destacam-se a presença de quatro atores sociais. O primeiro deles e o de maior poder de influência é a Prefeitura de Natal, representada pela SEMSUR e por seus fiscais. O segundo é o banqueiro, o qual possui a permissão legal para alugar as bancas aos feirantes, por um preço que varia entre R\$5,00 e R\$7,00; dependendo da natureza do produto a ser comercializado. O terceiro ator social são os feirantes, subjugados tanto pela prefeitura quanto pelos fiscais. O quarto ator social são os montadores, no total de dez em 2011, que recebem dos banqueiros em torno de R\$90,00 por dia de trabalho; tendo que montar e desmontar as mais de 800 barracas existentes na feira.

Sobre essas relações hierárquicas, Ailton Alves, gerente de fiscalização da SEMSUR, explica:

Nada é cobrado do feirante, o que é cobrado é a locação das bancas. Não cabe a SEMSUR essa cobrança, ela é realizada por uma prestadora de serviços. É o banqueiro quem fornece as bancas, mas para o município nada é pago sobre o serviço, nenhum tipo de taxa. Existe hoje

uma cooperativa, certo? Ela está pretendendo ter a concessão das feiras. Hoje existe a figura do banqueiro, a figura individual do banqueiro certo? Também ele necessita de uma autorização para que possa fornecer esses equipamentos, não é só chegar lá e dizer: olhe eu vou colocar minhas bancas aqui a partir de hoje e vou alugar para determinado feirante. Ele também necessita de uma autorização da prefeitura para que possa desenvolver suas atividades (Ailton Alves, entrevista realizada em 05 de fevereiro de 2011).

Constata-se a existência de diferentes atores que ora apresentam interesses semelhantes, ora opostos. Apesar da tentativa dos atores hegemônicos em normatizar a Feira do Alecrim a partir de imposições até mesmo comportamentais (como a promoção de cursos “educativos” aos feirantes); são notórias as relações de permanência dos elementos e práticas tradicionais, que se opõem às políticas modernizantes. Essas permanências são perceptíveis, por exemplo, no conjunto das técnicas utilizadas. Essa coexistência entre o tradicional e o novo leva a uma reinvenção da Feira do Alecrim, a fim de que ela atenda às novas necessidades do atual período histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS RELAÇÕES DE COEXISTÊNCIA ENTRE O TRADICIONAL E O NOVO

*Depois de 86 anos da feira no lugar  
Grande perseguição começa a se alastrar  
Contra nossos feirantes gente humilde a batalhar  
O movimento da feira de modo espetacular  
Querem acabar com ela, mas não irão deixar.*

Literatura de cordel: “A Feira do Alecrim homenageia seus heróis”  
Autoria: Elinaldo Gomes de Medeiros (Boquinha de Mel).

No presente artigo, o conceito de território denotou as relações de poder que um indivíduo ou grupo estabelece com uma determinada porção do espaço, mas também o caráter simbólico a ele intrínseco. Assim, buscamos compreender a Feira do Alecrim em seus aspectos políticos, econômicos e simbólicos.

O território normatizado da Feira do Alecrim, quando observado em seu interior, revela-se muito mais complexo do que a sua aparente homogeneidade. Nem todos os feirantes são cooptados por esta lógica modernizante, mas existem dissidências, permanências e práticas subversivas. A tensão estabelecida entre os feirantes e o poder público é muito perceptível. Por vezes, notamos a existência de sentimentos de aversão às políticas normatizantes, como é explicitado na fala de um feirante:

Acabou pra nós, aqui acabou para nós com essa cobertura que só protegeu os banqueiros. Antes era bom, a gente pagava os direitos. Depois que nós paramos de pagar os direitos, acabou. Nós não pagamos nada aqui, também não temos direito a nada. Aqui é uma beleza, é um armazém mundial, que tem de tudo a um preço muito bom. Mas essa prefeita começou e quer acabar mesmo. Mas ela se acaba e nós ficamos, ela se acaba e nós ficamos (Feirante, entrevista realizada em 29 de janeiro de 2011).

Apesar dos feirantes estarem subjugados às políticas modernizantes impostas pela prefeitura, a feira não perdeu seu caráter de evento tradicional. Nela, ainda encontramos elementos do rural inseridos no contexto urbano: animais vivos são comercializados, há a presença de bancas com ervas medicinais, entre outros exemplos. Aos sábados, na avenida onde diariamente passam centenas de

automóveis, somente circulam carriolas empurradas por jovens que transportam as compras dos consumidores até as suas casas ou veículos.

Muitos feirantes e consumidores estabelecem fortes relações de identidade territorial na Feira do Alecrim. Alguns consumidores saem de outros bairros por preferirem o ambiente dessa feira, onde exercem múltiplas práticas de sociabilidade:

Eu venho aqui todo sábado pois gosto daqui. Se não vier, fico deprimida. Tenho 69 anos e já trabalhei 18 anos na feira. Saio de Pirangi e venho para cá, venho pois conheço muita gente. A feira é um shopping aberto onde você não precisa pagar pelo estacionamento (Consumidora, entrevista realizada em 29 de janeiro de 2011).

É interessante notar que nem todos os consumidores que freqüentam a Feira do Alecrim são motivados por razões econômicas. A entrevistada acima, residente em um bairro em que existem feiras livres, prefere se deslocar ao Alecrim; onde já foi comerciante e que, por isso, possui vínculos afetivos. Em nosso entendimento, toda forma de generalização empobrece a construção do conhecimento científico. Nem todas as ações humanas podem ser identificadas pelo predomínio do caráter econômico. Se nos propomos a construir uma ciência crítica, não podemos cair na armadilha de pensar em uma racionalidade homogênea, normalmente ditada pelos atores hegemônicos, em que toda forma de oposição a essa racionalidade se converte em irracionalidade. Sobre isso, concordamos com Milton Santos ao afirmar que:

O que muitos consideram adjetivamente, como “irracionalidade” e, dialeticamente, como “contrarracionalidade”, constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo (SANTOS, 2002, p. 309).

Essas outras formas de racionalidades são evidentes na Feira Livre do Alecrim, assim como a permanência de práticas sociais constantemente reinventadas. Dá-se na Feira do Alecrim um processo de superposição da normatização à espontaneidade, ainda que o caráter espontâneo tenda a ser subjugado pelo normativo. Como isso nem sempre ocorre, não podemos pensar na dinâmica de funcionamento da feira sem antes pensar em suas especificidades e heterogeneidades.

A Feira do Alecrim se constitui em um rico laboratório para a análise geográfica. No presente artigo, não tivemos a pretensão de esgotar as possibilidades dessa análise, mas sim de melhor compreender algumas dinâmicas territoriais que aí ocorrem. Ao longo de nossa imersão na feira, ficou patente a complexa realidade que a envolve.

## NOTAS

<sup>i</sup> Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: [elizabete.gurgel@hotmail.com](mailto:elizabete.gurgel@hotmail.com)

<sup>ii</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: [cleantocarlos13@yahoo.com.br](mailto:cleantocarlos13@yahoo.com.br)

<sup>iii</sup> Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

(UFRN).

E-mail: [sandozena@ufrnet.br](mailto:sandozena@ufrnet.br)

## REFERÊNCIAS

DECRETO nº 7.671 de 20 de julho de 2005. Disponível em: [http://www.natal.rn.gov.br/anexos/publicacao/legislacao/decreto\\_7671.pdf](http://www.natal.rn.gov.br/anexos/publicacao/legislacao/decreto_7671.pdf), acessado em 03.03.11.

DOLZANI, M.C.S; MASCARENHAS, G. *Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea*. Revista Ateliê Geográfico. Goiânia: 2008, p. 72-87

LIMA, A. E. F.; SAMPAIO, J. L. F. *Na feira a gente encontra de tudo...: aspectos da formação espacial da feira-livre de Abaiara - Ceará*. IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária; V Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Niterói, RJ: 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. *O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista:*

*Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro:*

*1964-1989)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

\_\_\_\_\_. Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro. In: VII Coloquio Internacional de Geocrítica, 2005, Santiago do Chile. *VII Colóquio Internacional de Geocrítica (Actas del Coloquio)*. Barcelona, 2005.

MEL, B. de. *A Feira do Alecrim homenageia seus heróis*. Literatura de Cordel. Natal, 12 de Junho de 2006.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. 4.ed. - São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. 4.ed. - São Paulo: Nobel, 1997.

SEBRAE. *Dados sobre práticas comerciais no bairro do Alecrim no ano de 2009*. Disponível em: <http://www.jornaldehoje.com.br/portal/noticia.php?id=19711>, acessado em 23.05.11.